

# A percepção da cultura como gambiarra: caminhos possíveis da Antropologia no Ensino Médio<sup>1</sup>

Árllan Maciel Cunha Alves - Professor de Sociologia na SEE/MG

Palavras-chave: Cultura; Ensino Médio; Gambiarra.

## Introdução

É bastante difícil conciliar uma prática atenta de pesquisa com o fato de ser o professor “responsável” por uma sala de aula. Enquanto estamos realizando pesquisas em salas de aula, ou mesmo estagiando, sem sermos nós o docente responsável por ministrar aquele momento, espera-se que a observação (por vezes participante) seja tudo o que temos a fazer. Assim, o pesquisador da sala de aula, por não ter a obrigação de propor atividades e discussões para o grupo de alunos (que já trazem uma série de expectativas sobre o que é uma aula e como devemos atuar nela) e não ter que se relacionar com o *dever* da palavra e do poder (Clastres, 2013, p. 170), está livre, por assim dizer, para deixar que sua atenção vagueie pelo que quer que lhe arranque da inércia. Sendo professor, a história muda.

Digo isso porque já estive nesses dois lugares. Nos anos de 2018 e 2019, tive a oportunidade de participar de uma pesquisa acerca do ensino de Sociologia na cidade de Belo Horizonte, logo após ter feito o estágio docente com a mesma orientadora. Da pesquisa, e da confluência entre pessoas interessadas e inquietas com questões docentes, artísticas e existenciais que atravessam o ensino de Sociologia na Educação Básica, nasceu um Projeto de Extensão chamado Ateliê de Ciências Sociais e Ensino (<https://ateliê.hotglue.me/> link do grupo, a quem possa interessar). Com ele, além de pesquisas mais individualizadas, concernentes às questões que cada um trazia, também pudemos fazer encontros abertos entre professores, contando eventualmente com a presença de discentes secundaristas, para propor discussões e práticas, pra pensar acerca de problemas que percebemos emergir dos nossos campos de pesquisa. Concomitante a isso, tínhamos nossos encontros fechados, onde começamos a incorporar práticas do teatro e outros modos de fazer que não eram apenas leitura e conversa sobre textos (Schweig, 2022). Além disso, tínhamos nossos trabalhos de campo, de acompanhar aulas de outras pessoas, com nossos cadernos em mãos. Digo isso tudo para ressaltar:

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

quando isso aconteceu, eu era “apenas” um pesquisador. Por mais que estivesse dando aula em um cursinho popular, “meu campo” de pesquisa era a educação básica. E lá eu ainda não era docente.

Pois bem, agora estou no outro lado. Tendo finalizado a licenciatura em Ciências Sociais em 2019, ingressei na Rede Estadual do Estado de Minas Gerais em 2020 como professor de Sociologia do Ensino Médio. De lá pra cá, jamais deixei de ter inquietações com minha prática docente, e a pergunta “estou sendo um bom professor?” nunca deixou de coçar atrás da minha orelha. Mas, mesmo sem nunca sumir esse incômodo, ter que lidar constantemente com as quinhentas aulas para preparar, os diários escolares para preencher e as incontáveis outras questões da vida e do trabalho (nem todas ligadas à sala de aula) nunca deixava tempo para transformar essas inquietações em algo como “pesquisa”. Elas coçavam, doíam, e só (se é que isso já não é muito).

Mesmo quando um problema docente mais insistente rondava meu dia a dia escolar, do tipo que me fazia querer estabelecer minha sala de aula como um campo de pesquisa, ao botar os pés na sala, ao baixar em mim o professor-que-tem-que-fazer-acontecer-a-aula, era difícil deixar algo de “pesquisador” sobreviver no meio dessas obrigações docentes. Na medida em que ia me estabelecendo como professor, fui obrigado a rever uma frase que eu repeti bastante durante minha graduação: “todo professor é um pesquisador”. Hoje eu acho que não. Mas também me questiono se *precisa ser*. Coisa que não tenho certeza, apesar de tender para um *sim*, nem que seja pra defender uma atenção e desnaturalização do professor diante de suas próprias práticas e cotidianos (Schweig, 2015. p. 40).

Então, durante muito tempo, não me vi como um pesquisador das minhas práticas. Agora, estando no Mestrado Profissional em Educação e Docência da FaE/UFMG, sou obrigado a me colocar assim diante do meu trabalho, o que é potente (apesar de bastante cansativo, mas retorno a isso na conclusão). Portanto, escrevo aqui como um professor, e espero escrever para ser lido por outros docentes. E, se fizer sentido, espero ser entendido por alguém que divida comigo as piras a seguir. Escolhi fazer quase como um “estudo de caso”, uma sequência de aulas - que, na realidade, foi bem menos “sequencial” que a linha do texto faz querer parecer - que podem ser derivadas para outros assuntos/questões/temas/problemas com os quais costumamos trabalhar nas aulas de Sociologia. Isso porque muito pouco do que vem a seguir foi planejado passo a passo, roteirizado.

Assim, neste trabalho, apresento uma sequência de aulas realizada em 2023, na disciplina de Sociologia em uma escola pública do Ensino Médio, no estado de Minas Gerais. As discussões foram sobre *cultura* (Laraia, 1986), esse assunto tão pouco debatido na Antropologia (e vou devidamente marcar que falo com ironia aqui). Partindo da perspectiva de que, como diz Tim Ingold (2019, p. 60), “a antropologia não lhe diz o que você quer ouvir, ela abala os fundamentos do que você pensava que já sabia”, propus aos alunos alguns exercícios de estranhamento sobre o espaço escolar, suas formas de constituição e as naturalizações que compõem seu cotidiano. Entre planejamentos que foram se transformando de uma aula para a outra, ou mesmo no próprio andamento de uma aula, a sequência didática<sup>2</sup> a seguir foi se consolidando - e, vale dizer, esse ano ela já sofreu algumas metamorfoses.

Os relatos abaixo são mesclas, reconstituições e misturas de diversas aulas, que aconteceram em turmas diversas. São, portanto, reduções meio quiméricas. Passarei por algumas aulas em que, ao final, em uma articulação entre os conhecimentos dos estudantes e as ferramentas propostas pela Antropologia, chegamos à conclusão de que *toda cultura é uma gambiarra*. Esse termo foi ganhando outras dimensões e importâncias pra mim, depois dessas aulas, e até mesmo *por causa* dessas aulas. Entrou no radar da minha pesquisa de mestrado, e passei a pensar *gambiarras* como “táticas, na medida em que oferecem novas possibilidades e novos modos de fazer” (Assunção; Mendonça, 2016, p. 112) - e essa referência só surgiu *à posteriori* pra mim. Mas deixemos isso para a conclusão.

### **Algumas veredas e pelo menos um caminho de aulas**

1º momento: estranhando a nós mesmos e o espaço escolar

Entrando em sala, depois dos “bom dia”, “como vão” e bate-papos que não podem faltar, distribuo um texto para cada aluno presente. É a terceira aula do ano, depois apenas de uma apresentação minha e dos alunos, que gosto de fazer nas turmas

---

<sup>2</sup> Uso esse termo, aqui, por falta de outro melhor. Não costumo ser muito afeito à ideia de “sequência didática”, por achar que esse tipo de organização, além de pressupor um controle sobre o que se construirá nas aulas, nos trava e dificulta que tenhamos manejo para lidar com os inesperados e os acidentes (muitos deles potentes) que emergem no dia a dia escolar. Apesar disso, percebo, cada vez mais, como se planejar pras aulas com certa antecedência é algo que pode salvar nossa saúde mental diante das burocracias escolares. Marco, então, que a “sequência” de que trato não foi algo pensado de antemão, e sim a sequência que foi se formando nas medidas dos acontecimentos.

que não conheço, e outra aula pra compartilhar meu planejamento pras aulas de Sociologia, o que/como iremos trabalhar ao longo do ano. Já havia adiantado essa terceira aula, no finalzinho do encontro semanal anterior: “Na aula que vem, vamos começar a entender o que é o ‘estranhamento antropológico’. E vamos fazer isso lendo uma história de terror”. Isso costuma deixar a galera no clima, animada e curiosa com o que acontecerá a seguir.

Assim, com a curiosidade já atiçada nos alunos, e enquanto passo de mesa em mesa distribuindo uma folha pra cada um, vou dizendo pra eles: esse texto que vamos ler hoje conta a história de um povo que tem uns rituais bastante estranhos... é uma história de terror de ritual, de um povo que é considerado como bizarro por muitos outros. “Ritos corporais entre os Nacirema”, de Horace Miner (1976) em versão adaptada (Hickmann; Moritz, 2013, p. 26) para caber em uma página, é o que eles encontram diante de si. É possível notar, enquanto falo isso, que os alunos vão ficando intrigados. Alguns fazem reações de nojo, ou de desconcerto, principalmente quando a palavra “ritual” é pronunciada.

Distribuído o texto, fazemos uma leitura coletiva.<sup>3</sup> Quem quiser, quem se sentir à vontade, vai lendo um parágrafo. Enquanto vamos avançando na história, vou parando de parágrafo em parágrafo, jogando perguntas aos alunos: e aí, galera, vocês fazem rituais no seu dia a dia? “Não! Cruz credo, tá amarrado! Tá doido, fessor?” são respostas frequentes. Então, pessoas, como vocês imaginam que é o santuário que eles têm em casa? “Tudo escuro, cheio de velas, sangue espalhado pelas paredes” ou “tudo branco com imagens dos seus deuses nas paredes” são falas que costumam aparecer. Na sequência, pergunto sobre como os alunos imaginam que são os templos, as vestimentas, os costumes, as pessoas, os rituais... tudo que o texto traz sobre esses tal de “Nacirema”, e vou explicando algumas palavras mais difíceis que surgem na leitura.

No fim do texto, quando já estão querendo até exorcizar os coitados dos Nacirema, lanço as perguntas finais:

- O que acharam dos Nacirema?
- Estranhos, exóticos, malucos, doidos, interessantes...
- Vocês morariam com os nacirema?
- NÃO! De jeito nenhum!

---

<sup>3</sup> Sugiro a quem estiver lendo que, antes de continuar a leitura desse texto, leia a versão adaptada, disponibilizada no caderno de práticas do PIBID da UFRGS (Hickmann; Moritz, 2013). Vai fazer mais sentido pro resto da descrição.

-Nem passariam, sei lá, uns 2 dias com eles?

-Ah, se fosse assim, eu até iria, mas só pra conhecer a cultura deles. E só se não fosse obrigado a fazer os rituais - respondem alguns alunos mais corajosos.

Então, vem o momento final da dinâmica, na qual eu me divirto muito, confesso. “Galera... e se eu dissesse que trouxe umas imagens reais dos Nacirema aqui comigo, dos rituais e templos que o texto descreve? Vocês querem ver?” E, em exclamações exaltadas, a grande maioria da sala diz que sim. “Olha, mas são imagens pesadas... não sei nem se poderia estar mostrando isso na escola...” E é aí que eles ficam mais atizados ainda. “Anda logo professor, pára de enrolar! A gente quer ver!”

Mostro as fotos, depois de repassarmos os trechos sobre os quais elas se baseiam. E a frustração vai se formando na cara dos alunos, junto de uma raiva em outros. “Ah não, professor, mas isso é a gente!” Pronto. Temos uma rasteira antropológica, que abre portas para continuarmos o trabalho.

Na semana seguinte, retorno rapidamente ao que aconteceu na aula anterior. Relembramos os nacirema, retomamos a conclusão que tiramos do momento, de que “os ‘outros’ são estranhos para nós, mas normais para si mesmos; nós somos normais para nós mesmos, mas estranhos para os ‘outros’; de que nós *naturalizamos*<sup>4</sup> nosso modo de viver”. Assim, conto aos alunos que, nessa aula, estudaremos um outro povo, que também pratica uma série de rituais diários, árduos e desgastantes, que perduram por anos e anos e que os indivíduos só são considerados aptos a se livrarem deles quando passam por todas as etapas, por todos os “níveis” desses rituais. O nome desse povo é... (insira aqui o nome da escola, ou de um apelido corrente pra escola, ao contrário). Saímos, então, em um passeio guiado pelo espaço escolar. Peço aos alunos que prestem atenção a: 1) o que as pessoas estão fazendo? Como elas agem, como são as relações que estabelecem com outras pessoas... parece haver hierarquias? 2) O que é dito pelas pessoas? Como são os sons que ocupam esse espaço? 3) Como são os espaços desse povo? Eles são organizados baseados em que princípios? Existem espaços proibidos para algumas pessoas? O que mais chama atenção? O que está registrado nas paredes, quais mensagens, quais escritos?

Enquanto andamos pela escola, e enquanto essas perguntas são feitas, é pedido aos alunos que fotografem algum objeto, situação, ritual, espaço do ambiente que

---

<sup>4</sup> Conversando com os alunos no final do texto, fazemos uma distinção entre o que é natural, que já nascemos fazendo, e aquilo que é *naturalizado*, que repetimos tanto, que estamos tão acostumados, que consideramos que é a única maneira possível de se fazer.

considerem cotidianos, banais. Posteriormente, eles têm que descrever aquilo que fotografaram, mas, assim como fez o texto “Os Nacirema”, como se fosse algo estranho, exótico. Segue um exemplo, feito por alguns alunos da escola em que trabalhei ano passado:



*Enquanto os sanivid<sup>5</sup> aprendem feitiços novos, as feiticeiras da anitenac preparam o alimento para a chegada deles. Em um certo horário, a guardiã expulsa eles de seus cativeiros para se alimentarem. Eles ficam em fila para fazer seu ritual alimentício. Após receberem seu alimento, alguns sentam em uma mesa e outros vão direto para seu rebanho. Após isso eles voltam para seus cativeiros e em um certo horário eles saem pra suas tendas para descansar e voltar no dia seguinte, repetindo seu ciclo dia após dia (Arquivo pessoal).*

Imagem 1: foto tirada pelos alunos

Essa atividade costuma ser divertida de um jeito que é difícil até escrever no papel. Os alunos lembram dela com carinho e risadas, e sinto que, de uma forma ou de outra (ou de muitas, quero crer) passam a olhar o espaço escolar, talvez um dos mais naturalizados (apesar das bizarrices que compõem seu cotidiano), com uma pitada de *estranhamento*, de ver que, justamente, não tem nada de natural. Sair de sala, rir com as perguntas, com os comentários e apontamentos dos alunos... tudo isso, pra além de qualquer “aprendizado” que queiramos, já vale a atividade.

## 2º momento: a teia de significados

Dando sequência ao planejamento de sociologia, e seguindo as etapas seguintes apenas nas turmas de 2º ano de ensino médio, onde “cultura” era o mote das aulas, começamos por uma conceitualização de *cultura*. Mas fizemos isso com uma pequena

---

<sup>5</sup> Esse termo foi cunhado por mim e pelos alunos, fazendo referência a um apelido da escola, que não está identificável. Por isso, mantenho-o aqui da maneira como foi concebido.

brincadeira. Escrevi no quadro um trecho, numa versão adaptada da obra de Clifford Geertz (2008): “O ser humano é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu. A essas teias, damos o nome de \_\_\_\_\_”. Depois de perguntar aos alunos o que entendiam dela e discutirmos um pouco o que cada um pensa, peço para que formem duplas ou trios, e saio distribuindo aleatoriamente algumas imagens, uma diferente para cada grupo. Nas imagens estão representados: animais, como gato e cachorro, e outra com uma vaca; um celular; dinheiro; uma cruz; um crescente com uma estrela; uma lua; uma pessoa sendo tatuada; uma ruína de uma igreja; uma pessoa fazendo “joinha” com a mão; um coração, também feito com as mãos; duas pessoas de mãos dadas, dentre outras.

Assim, depois de entregue, peço para que as duplas tracem uma “teia de significados” a partir da imagem que receberam, que associem as ideias, sentimentos, pensamentos e visões de mundo que nascem deles quando olham pra imagem recebida. E, depois, associem outras visões, sentimentos, ideias e pensamentos aos primeiros que lhes vieram, formando uma teia. Para explicar melhor a atividade aos alunos, que costumam ficar confusos com esse primeiro direcionamento, fazemos um exemplo juntos, coletivamente, como mostra a imagem a seguir:

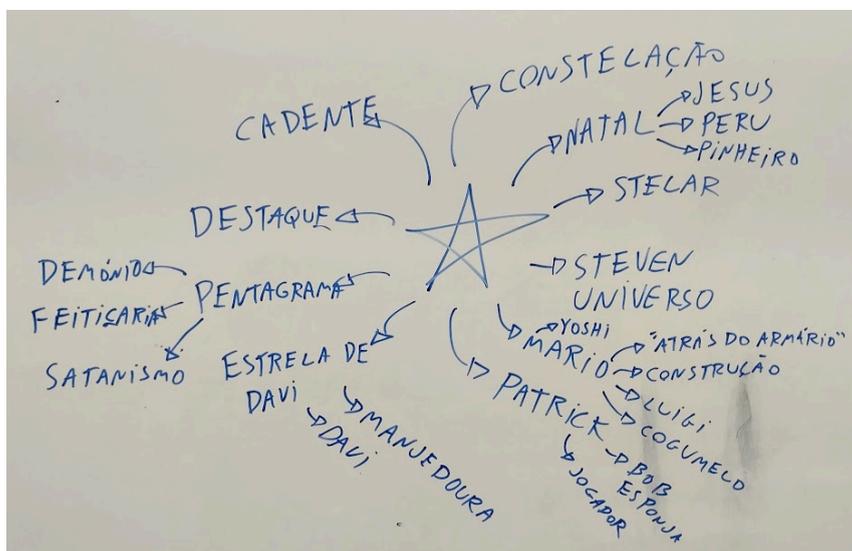


Imagem 2: foto da atividade no quadro

Deixo um tempo para que as duplas teçam suas teias, e vou andando de mesa em mesa, vendo se eles têm alguma dúvida. Passados 10 ou 15 minutos, é hora de compartilhar coletivamente as teias de cada grupo. E costuma ser bem interessante, com

conexões bastante inusitadas e engraçadas. Ao fim do compartilhamento de cada grupo, faço as seguintes perguntas:

- 1) Se essa atividade estivesse sendo feita em outro lugar do mundo... sei lá, em (e falo algum país distante, com diferenças culturais acentuadas em relação a nós), os significados que as pessoas associariam a essas imagens seriam os mesmos? E quais seriam?
- 2) Se essa mesma atividade estivesse sendo feita há 50, 60, 70 anos atrás, os significados que as pessoas ligariam a essas imagens seriam os mesmos que vocês ligaram? E quais seriam?

Assim, quando todos os grupos já compartilharam suas teias, quando essas perguntas já foram repetidas a cada vez que um grupo terminava, voltamos à definição de Geertz. Finalizo a aula, perguntando: o que são essas “teias de significados” que, ao mesmo tempo em que estamos “amarrados” a elas, fomos nós mesmos que as criamos? É possível notar umas caras pensativas, de rosto meio fechado. “Pensamentos?” Tem a ver, mas não é exatamente. “Ideias” Tá quase... de novo, é isso, mas não é *só isso*. Até que, depois de mais algumas tentativas, uma aluna grita: cultura! “Isso!”, respondo, completando no quadro o espaço que havia ficado vazio. Deixo pra discutir com eles o que significa estar “amarrado” à cultura, e como “tecemos” essa teia na próxima aula. São apenas 50 minutos, e o que dá pra tecer nesse tempo nem sempre é uma grande teia.

3º momento: olhar, ouvir, escrever....

Depois de relembrar e discutir um pouco mais a frase de Geertz, conto uma historinha aos alunos. Imagine você, tranquilo em um domingo preguiçoso, com previsão de fazer nada além de descansar. Você ouve alguém batendo no seu portão (e bato no quadro, simulando o barulho). “Eu não atendia não, tá doido”. Depois de rirmos, pergunto se alguém atenderia, até que alguém topa. Quando você abre o portão, dá de cara com um gringo. ‘Olá, boa tarde’, falo com sotaque, ‘eu sou o pesquisador (inventamos na hora um nome pra ele), e vim pesquisar como é a sua cultura. Sou antropólogo’. Dou uma pequena pausa na história, diante da cara de estranhamento dos alunos, para discutirmos um pouco e apresentar brevemente aos alunos o que é a *antropologia*, e em que ela se diferencia da *sociologia*, mesmo que no Ensino Médio

aconteça uma mescla das duas. E isso vai se fazendo na hora, não é aqui que vou enveredar nessas trilhas cheias de cipós.

Conversa feita, retomamos nossa história. O que o antropólogo poderia fazer pra compreender melhor sua cultura, seu modo de vida, por que vocês fazem as coisas que fazem? ‘Poderia perguntar pra gente, fazer tipo uma entrevista’. Sim, poderia... mas, vocês acham que só isso basta? Por exemplo, acha que a gente é 100% sincero quando falamos sobre nós mesmos pra alguém que não conhecemos? Ou, além disso, a gente entende e sabe dizer porque fazemos o que fazemos? A galera, pensando nas perguntas, fica meio dividida. Depois, um aluno comenta ‘Ele poderia acompanhar nossa rotina, ver o que estamos fazendo, como é nosso dia a dia’. Isso! E, no seu dia a dia, quais coisas você acha que chamariam atenção dele? ‘Ah... as coisas que a gente come, as coisas que a gente faz, os lugares que vamos...’ E, assim, vamos desenhando melhor como seria essa “observação”, e percebendo como ela não estaria desligada de “participar” dessa rotina já que, certamente, uma pessoa te acompanhando pra todo lugar não passaria despercebida. Por fim, pergunto: E ai, deixariam o antropólogo acompanhar sua rotina? Costumam surgir comentários extremamente pertinentes, vindos das meninas, de como seria perigoso um homem que te segue assim pra todo lugar, o próprio fato de ser um pesquisado *homem* nesse papel já apresentar riscos pra sua integridade (e gosto de ressaltar bem esse ponto, justo por ser bem representativo de grande parte da história da antropologia). Depois de certa relutância, continuamos a história, com quem se propôs a abrir essa porta.

Uma semana de acompanhamento para cada um, é o que fica na história. Nesse tempo curto, o antropólogo acompanha o dia do aluno, vê o que ele faz, como faz, pergunta quando não entende alguma coisa, vai pra escola, vai pro trabalho, vai pra academia... sempre com um caderninho em mãos, sempre anotando tudo que lhe chama atenção e tentando passar despercebido... mas, obviamente, só tentando mesmo. No fim de cada dia, ele se enfurna num canto qualquer da casa, saca o seu *caderno de campo*<sup>6</sup> e começa a anotar, com todos os detalhes que conseguir lembrar, como foi o dia que acabou de acabar. Faz isso todo dia, invariavelmente, e nunca te deixa ver o que entra nesse caderninho.

Passa todo o tempo que o dinheiro recebido por ele permitia. Agradece, vai-se embora de volta pra sua terra, levando o caderninho, sua vivência, e um tom alegre nos

---

<sup>6</sup> Costumo tirar um tempinho pra contextualizar o que é esse caderno, fazendo um paralelo com os diários, que são coisas mais comuns aos alunos.

olhos que você não entende muito bem. Alguns anos transcorrem dessa visita um tanto incômoda, da passagem desse pesquisador metodologicamente intruso. Vocês ficam sabendo que ele lançou um livro: *A cultura do 2A* (e coloco a turma em que estou dando a aula). A isso, seguem-se mais perguntas:

-Vocês acham que ele conseguiria, de fato, descrever como é a cultura de vocês?

-Ah professor, não... é muito pouco tempo. Pode ser que aconteçam coisas logo depois que ele saiu, e nossa vida mude toda.

-Sim! E, vamos supor que daqui a, sei lá, 10 anos, ele volte pra visitar vocês. O que ele encontraria?

-Tudo mudado... nossa vida já ia ser completamente diferente, nossa sociedade, nossa cultura teria mudado...

-Isso... e, mesmo assim, o livro descrevendo “sua cultura” ainda estaria em circulação. Imagina quais expectativas e preconceitos isso não geraria em quem lê... e, no momento em que ele estivesse vivendo seu dia a dia, anotando tudo o que via, o olhar dele seria “neutro”?

-Não, com certeza não... ele iria olhar com o olhar de preconceito, comparando com a própria vida dele. É, é bem possível que ele ia colocar alguns preconceitos dele nesse livro.

E, nessa toada, a conversa vai se formando. Em cada sala, as ideias encadeadas tomam rumos diferentes, alguns alunos levantam elementos que eu sequer havia considerado, e acho maravilhosamente surpreendentes essas ocasiões. Tanto que, quando coisas assim emergem, o planejamento das aulas seguintes, das outras turmas, também se altera, incorporando o que foi levantado (e digo sempre de onde veio). Foi assim com a questão de gênero, pontuada acima, e com outras que vão se diluindo no planejamento ao longo dos anos. Estar aberto a improvisar, além de “planejar”, é central na prática docente.

Contada a história, e tendo conseguido conversar sobre ela (sem esgotá-la, pois é impossível), passo aos alunos qual será a atividade avaliativa, que busca compreender o quanto a discussão de cultura ressoou aos alunos: Escolha alguma situação do seu cotidiano (pode ser na escola, no trabalho, academia, em casa...) e descreva o que acontece. Escreva um relato, em detalhes, do que está acontecendo nela. Fique atento a essas três dimensões (de Oliveira, 1996):

- Olhar: como é o lugar? Quem está nele? Como as pessoas estão agindo? Como elas se relacionam umas com as outras?

- Ouvir: quais são os sons que ocupam o lugar? O que as pessoas dizem umas com as outras? E o que não dizem, mas expressam de outras maneiras?
- Escrever: registre! Não deixe de anotar em um caderninho as coisas que te chamaram atenção para mais tarde, na hora de escrever o relato, conseguir relembrar mais facilmente os detalhes.

Disso, coisas incríveis costumam sair. E percebo, a cada ano, o quando essa prática de escrita de diários, pelos alunos, é bastante potente. “Me fez olhar pra minha rotina com outros olhos”, nas palavras de uma aluna.

#### 4º momento: cultura como gambiarra

Ao final dessa sequência de aulas (que nem sempre é linear, visto que qualquer feriado, paralisação ou brisa já nos tira o encontro da semana), levo para as turmas mais um texto. Trata-se de “O cidadão 100% americano”, de Ralph Linton (citado em Laraia, 1986, p. 110). Porém, antes de fazermos a leitura coletiva, passo três perguntas no quadro, para que os alunos respondam individualmente, no caderno.

- 1) O que torna a cultura brasileira diferente das outras?
- 2) Tem alguma coisa que só existe no Brasil?
- 3) Existe alguém que é “100% brasileiro”?

Respondidas as perguntas, peço que compartilhem o que pensaram, e vamos percebendo como é complicado achar respostas exatas para essas perguntas, e existe sempre algum “porém”. Em muitas das aulas, como coisa frequente, os alunos costumam colocar *gambiarra* como uma das respostas para as perguntas 1 e 2. Deixo, assim, essa palavra anotada no quadro. Chegada a hora de discutir sobre a pergunta número 3, passamos à leitura do texto.

Diferentemente dos Nacierma, deixo a leitura fluir sem muitas interrupções. Acho que o legal desse texto é a maneira como as origens difusas (mas nunca difusionistas) das coisas corriqueiras, do dia a dia do cidadão “100% americano”, vão se misturando numa complicada e ampla trama de nacionalidades, lugares, culturas e origens diferentes. Os alunos costumam ficar perdidos com o tanto de referências e nomes que vão surgindo no texto, associados a atos e objetos do dia a dia, mas creio que esse é justamente um dos objetivos do autor.

Retomando as perguntas, vamos relacionando-as ao texto. Na medida em que a discussão vai fluindo, retomamos a palavra *gambiarra*. “O que é uma gambiarra?”, pergunto aos alunos.

-Ah, uma coisa mal feita. - responde um estudante.

-Não necessariamente! Tem um monte de gambiarra na minha casa que funciona muito bem. - questiona outra aluna, discordando do primeiro.

Puxando o fio dessa conversa, vamos desenhando o que é uma gambiarra: uma maneira criativa de resolver problemas e dificuldades que surgem no dia a dia; algo feito de maneira provisória, juntando o que se tem à mão, e que não é necessariamente o ideal; quando se muda o “modo de usar” de algum objeto, usando-o para resolver uma coisa que não foi pensada para ele.

Foi nesse momento que, articulando todas as conclusões que fomos construindo ao longo das aulas anteriores, todas as dimensões de *cultura* que foram sendo levantadas (que não é fixa, está em constante transformação; é feita a muitas mãos, algo vivo e coletivo, que a teia de significados vai sendo reformulada e ressignifica com o passar do tempo e das vidas; que o contato - ou choque - entre culturas faz com que elas se modifiquem, incorporando/ressignificando elementos uma da outra...), um aluno levanta a mão, e lança uma das maiores pedradas que já recebi durante uma aula:

-Então, *toda cultura é uma gambiarra!*

Ainda meio desnorteado, escrevo essa frase no quadro. Discutimos sobre ela, sobre suas implicações e potências (claro, seus limites também). A partir desse momento, *toda cultura é uma gambiarra* virou um dos motes das minhas aulas sobre cultura, uma maneira de articular tudo o que vai sendo construído e descoberto com os alunos sobre esse amplo campo de estudos antropológicos. E vou percebendo, assim, que a educação básica é também um lugar de pesquisa sobre isso que chamamos de *ser humano*, que não é “objeto de estudo” da antropologia, é seu sujeito. Sou professor, não deixo de ser pesquisador por isso (e não digo é natural essa mescla de posições, ou mesmo que é fácil). Mas situações assim vão me mostrando que não sou um pesquisador *dos* alunos. Antes, sou *com eles* (Ingold, 2019, p.12) um pesquisador das nossas próprias vidas em comum.

## Conclusão

De todo esse relato, percebo que a própria Antropologia ganha novos fôlegos quando propomos que ela seja praticada em ambientes “não acadêmicos” e especializados, como é o Ensino Médio, num movimento que reinventa e “bagunça” os fundamentos do que achávamos que sabíamos, parafraseando Ingold (2019). A própria construção das aulas e suas sequências foi fruto de uma disposição para a gambiarra. Portanto, pode-se e deve-se estar aberta às criatividade docentes e discentes.

Como dito anteriormente, a cada ano, cada vez que essa sequência se repete ela assume algumas alterações, nem que sejam mínimas. Sequer a ordem das aulas e dos acontecimentos se mantém. Sendo coisa feita por seres vivos, é ela mesma viva. Como sustenta Tim Ingold (2020, p. 115), somente se houver pontas soltas, as gerações que nos seguem podem começar de novo. Acho ainda que é somente pelas pontas soltas que deixamos (ou que nossos alunos vão desatando de nossos nós) que *nós mesmos* podemos começar de novo. O que não significa começar do zero, pois, em se tratando de gambiarras, trabalhamos sempre com o que resquícios e restos, às vezes que nem parecem mais ter usabilidade.

O imprevisto, junto ao desespero de preparar as aulas num domingo à noite, são parte constituinte de tudo o que houve de potente no que foi relatado. Pois, não sendo muito agarrado a um “passo a passo”, havia uma maleabilidade (ou parafusos a menos, se preferir) às propostas que surgiam dos alunos, ou ao imprevisto de lidar com uma falta, com uma situação inesperada que ameaça pisar o planejamento. Porque, acho, quanto mais leves e despreziosos estamos, mais dispostos, mais *disponíveis* nos colocamos a fazer *gambiarras* a muitas mãos. E menos possessivos estamos pra querer tomar posse dessas gambiarras. Por isso, tenho três pés atrás antes de dizer que qualquer coisa que apresentei anteriormente, em termos de prática docente, seja “meu”. É tudo reapropriação, reinvenção de coisas que já li e de outras coisas mais que foram feitas em sala de aula, e que passaram por tantas mãos que não teria sequer como dar o crédito. Por isso, não dou esse crédito sequer a mim mesmo.

Finalizando o texto, retomo uma discussão que trouxe na introdução. Não é nada simples ser um professor e, ao mesmo tempo, um pesquisador das nossas aulas, da nossa própria prática docente. É ainda menos evidente o “como” construir uma maneira saudável e possível de, lidando com as burocracias e as demandas inerentes à atuação docente, se construir como um pesquisador, conseguindo consolidar uma rotina de

leituras, atenção e escrita sobre nossas práticas. Assim, transformar nossa própria atuação em “campo de pesquisa” é um desafio robusto. Mas isso não quer dizer que não devamos tentar.

E é agora que percebo a importância da formação continuada. Posso garantir que foi por estar no mestrado que comecei a pensar, de forma sistemática, questões viscerais da minha prática, questões que já me incomodavam, mas que agora estão na berlinda, comigo apontando para elas algumas ferramentas, debruçadas sobre minha atenção. Não vou nem entrar em questões de desvalorização profissional, que é domingo à noite e aos domingos já bastam suas depressões, mas posso garantir que, por mais que nunca tenha andado tão cansado quanto nesses dias, estou ao menos conseguindo dar marteladas em problemas cristalizados em mim. E nunca estive tão aberto a aprender com meus alunos e com seus e outros balanços inesperados. Mas cansado. Que fique registrado.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, Helena Santos; MENDONÇA, Ricardo Fabrino. **A estética política da gambiarra cotidiana**. Compolítica, v. 6, n. 1, p. 92-114, 2016.

CLASTRES, Pierre. **A Sociedade contra o Estado: pesquisas de Antropologia política**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

DE OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. Revista de antropologia, p. 13-37, 1996.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HICKMANN, Roseli Inês; MORITZ, Maria Lúcia Rodrigues de Freitas (organizadoras). **Sociologia no cotidiano escolar: um caleidoscópio de experiências de aprendizagem**. Porto Alegre : UFRGS, 2013.

INGOLD, Tim. **Antropologia e/como Educação**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2020.

\_\_\_\_\_. **Antropologia: para que serve**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

MINER, Horace. **Ritos corporais entre os Nacirema**. You and the others: readings in introductory anthropology. Cambridge: Erlich, 1976.

SCHWEIG, Grazielle Ramos. **Aprendizagem e ciência no ensino de Sociologia na escola: um olhar desde a Antropologia**. 1º ed. Porto Alegre: editora CirKula, 2015.

\_\_\_\_\_. **Etnografia, colaboração e experimentação: apropriações e interferências entre ensino e pesquisa**. Antropolítica-Revista Contemporânea de Antropologia, 2022.